

O USO DE DOCUMENTOS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Arthur Manoel Andrade Barbosa
Universidade Estadual da Paraíba-Campus I

Neste trabalho são apresentadas a contribuição e a importância que a utilização de documentos oferece ao processo de ensino-aprendizagem, onde o ensino de História utiliza-se de ferramentas que auxiliam nas práticas de construção do conhecimento. Este artigo aborda a possibilidade de obtenção do conhecimento histórico através de objetos de cultura material, como imagens, filmes, pinturas, fazendo desse método um caminho onde o aluno perceba os momentos históricos presentes em cada imagem. O objetivo dos estudos no que se entende por imagem contribui numa prática de saber interpretar signos visuais, com suas especificidades, haja vista que vivemos em uma era de imagens e tecnologias que nos chegam de forma cada vez mais rápida, dinâmica e inovadora. No processo de ensino e aprendizagem, busca-se um desenvolvimento da capacidade crítica do aluno, com o objetivo de possibilitar a compreensão e de entender como a História é produzida e veiculada. Com as práticas educacionais voltadas para a utilização dos documentos históricos tem-se a intenção de fazer o aluno despertar para a vasta coletânea de conhecimento obtido através dessas práticas, baseando-se em experiências do PIBID-História-Campus I, onde a utilização desses métodos fez pensar de maneira mais significativa o uso da imagem no ensino de História.

Palavras- chave: Documentos; Ensino; História.

Introdução

Neste artigo buscamos discutir como o uso de documentos no ensino de História pode ajudar na relação entre assimilação e interpretação dos documentos históricos e de como essa prática pode influenciar na construção do conhecimento.

Quando analisamos o quadro em que estão situadas as práticas pedagógicas e as incansáveis buscas pelo conhecimento, observamos que vivemos, indiscutivelmente, em uma era de informações associadas às imagens. Saber interpretar corretamente signos visuais tornou-se uma necessidade aos acadêmicos, docentes e futuros docentes.

Buscamos apresentar uma proposta didática de uso do documento escrito no ensino de História, para tanto, partimos de duas premissas para a sua utilização. Nosso primeiro ponto relaciona-se com a natureza e significado do documento histórico e o segundo com o compromisso que o professor de História deve ter com relação a essa sua prática docente. Conscientes da importância destas práticas, o artigo apresenta algumas bases para a utilização deste método didático que enriquece os métodos de ensino-aprendizagem, interpretando os documentos escritos de maneira mais crítica, distante da positivista. Através dessa prática este artigo pretende auxiliar os mecanismos de construção do conhecimento, incentivando o professor a estimular a curiosidade investigativa e ampliar o desejo pelo conhecimento dos alunos. Com esse método pretende-se estimular mais um recurso que ajude os professores a transformarem a sala de aula em um lugar de constante aprendizado, carregado de curiosidade, espanto e prazer.

É de suma importância construir aspectos do conhecimento histórico com a referência às fontes históricas, ou seja, manuseando vestígios ou registros do passado que possibilite a construção do olhar do historiador a partir de questões de seu tempo, e fazer dessa prática um meio de aproximar os alunos do que os tais documentos representavam e o que representam hoje, “desconstruindo” conceitos e despertando-os para o conhecimento histórico, isto é, a partir das indagações que o presente permite fazer sobre o documento histórico do passado.

Fazer do ensino de História um mecanismo dinâmico e prazeroso para envolver os alunos na construção do conhecimento é um desafio muito grande para todos os educadores, e um dos meios possíveis, dentre vários, para tentar superar o ensino tradicional é trabalhar com documentos em sala de aula. Nesse intuito, encontra-se o objetivo desse artigo que é o de versar sobre o uso de documentos no ensino de História,

revelando suas vantagens pedagógicas e apontando alguns procedimentos metodológicos indispensáveis ao professor quanto a sua aplicação em sala de aula.

A contribuição dos documentos

Uma das principais tarefas do ofício do historiador é analisar documentos. A historiografia no século XX, com a teoria da Escola dos Annales, ampliou as dimensões da pesquisa para o historiador ao valorizar todos os registros humanos como uma fonte potencial de interpretação da sociedade. Os documentos, nessa ótica, são registros das ações humanas, seja ela de qualquer natureza: escritos, visuais, orais, monumentos etc.; são datados e localizados em tempos e espaços específicos, expressam o contexto histórico de uma dada época, pois revelam e evidenciam sentimentos, tradições, gostos, pensamentos.

O sentido das idéias aqui expostas tenta mostrar que aprender História na Educação Básica, seja no ensino fundamental ou no médio, passa a ser uma atividade norteada pela busca de respostas a perguntas que versam sobre um dado momento histórico específico. E é de fundamental importância que tais indagações mantenham uma relação estreita com as experiências da vida cotidiana dos alunos, onde os temas abordados na disciplina desempenhem uma função orientadora, fortalecendo a constituição dos saberes relacionados à atuação dos alunos na sociedade. Desse modo, podemos evidenciar o pensamento de Schmidt e Cainelli (2010):

Nessa perspectiva, os documentos não serão tratados como fim em si mesmos, mas deverão responder às indagações e às problematizações de alunos e professores, com o objetivo de estabelecer um diálogo com o passado e o presente, tendo como referência o conteúdo histórico a ser ensinado (...) No entanto, é preciso deixar-lhe claro que o uso de documentos históricos em sala de aula, em nenhum momento, poderá ter a função de transformá-lo em historiador ou substituir a intervenção do professor no processo de ensino-aprendizagem (2010, p. 117).

Ao considerarmos o documento escrito como suporte informativo ao texto didático, conferimos, então, ao documento um papel de força secundária, onde a compreensão da fonte se resume a uma mera ilustração ou complemento do tema que está sendo estudado. Nota-se, em muitos guias de História, que os registros adotam de certa forma um caráter de prova da realidade acerca do conteúdo estudado. Essa prática

os insere no corpo da argumentação do texto, concebido como produto de uma espécie de verdade científica a ser compreendida e memorizada pelos alunos.

Sob essa perspectiva o documento deixa de ser somente visto como uma prova do real e passa a ser concebido como um indício, uma testemunha do passado e se torna inteligível a partir de perguntas que fazemos a ele com a finalidade de compreender a mentalidade das experiências humanas, mergulhando em aspectos de sua historicidade. Dito de outra forma, essa nova concepção de documento permite ao aluno dialogar com o passado a partir de indagações de nosso tempo e, principalmente, reconhecer que a fonte histórica não é mais do que uma representação do passado, ou seja, uma versão do autor sobre os acontecimentos históricos vivenciados ou não por ele.

(...) o documento pode gerar situações-problema capazes de chamar a atenção e suscitar dúvidas, cuja solução buscada a partir de hipóteses levantadas pelo professor mobilizará a curiosidade e a participação do aluno. Extremamente rico este tipo de atividade reproduz, em outra escala, alguns dos passos obrigatórios do historiador. O documento serve também como elemento provocador, que repõe em questão representações e atitudes do senso comum e até mesmo conhecimentos históricos já cristalizados, estimulando debate, a busca de informações, a elaboração de argumentos (2004, p.68)

O professor precisa fazer com que o aluno seja capaz de questionar, de indagar o que está escrito no texto, não aceitando de forma passiva o que o autor diz, fazendo uma leitura crítica acerca do conteúdo do documento, a fim de que ele possa se tornar um sujeito ativo no processo de interpretação dos assuntos. Assim, um dos objetivos da aula de História voltada para análise de documentos históricos é estabelecer uma conversa com o texto e sobre o texto. Sendo assim, é importante escutar e respeitar a idéia do aluno e reparar o que ele diz com as circunstâncias históricas que cercam a fonte, se for o caso que haja correções quanto à historicidade do documento.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, por exemplo, na área de História, sugerem que o aluno domine os procedimentos metodológicos de leitura e análise de documentos e das mais diversas linguagens. Essa prática redimensiona os papéis sociais de professores e alunos, como afirma Fonseca (2005):

“(…) ensinar é estabelecer relações interativas que possibilitem ao educando elaborar representações pessoais sobre os conhecimentos, objetos de ensino e aprendizagem” (Fonseca, 2005, p. 103)

A idéia do profissional da educação é mostrar ao aluno que os documentos estão por todos os lados, seja em casa ao ver as fotografias da família, seja na praça de seu bairro, seja num monumento na sua escola. Na preparação da aula, o professor precisa estabelecer basicamente seus objetivos e tentar participar ativamente no desenvolvimento das atividades, fazendo a junção entre o documento e o aluno; precisa também selecionar documentos que sejam condizentes com a faixa etária e o nível escolar dos alunos; o objetivo não é transformar o aluno, ainda na educação básica, em historiadores, mas, propiciar os meios, para que ele tenha algumas noções básicas na arte de interpretar documentos.

Como exemplo de análise e interpretação de documentos podemos citar algumas tarefas feitas pelo Pibid-História- Campus I, onde foi realizada viagens e atividades em sala de aula, desenvolvendo assim a capacidade de crítica aos documentos históricos por parte dos alunos da educação básica. A idéia principal era transmitir aos alunos a presença de documentos históricos em diversas vertentes, e assim fazê-los despertar para as inúmeras “verdades” existentes em relação a um documento. No entanto, vale salientar que essa construção do conhecimento histórico não é criar algo novo, uma nova descoberta, superar o saber já existente acerca de um determinado assunto, mas possibilitar ao aluno a oportunidade de refletir e criticar sobre o tema que esteja em debate, mostrar que a interpretação histórica é uma construção social elaborada por homens em determinados contextos.

Desse modo foram analisados documentos históricos presentes em três cidades em que visitamos, foram elas Olinda e Recife no estado de Pernambuco e Areia localizada no estado da Paraíba. Destacamos aos alunos a presença de documentos escritos, em igrejas, mosteiros e museus; e também documentos monumentos. Uma atividade didática como esta com a participação de documentos, a exemplo dos lugares visitados, apresenta algumas vantagens: oferece uma visão de diversos contextos históricos, evidenciando a construção de discursos e os mecanismos ideológicos que analisam os momentos históricos até chegar ao presente, a realidade do contexto social mais próxima do aluno; revela aos alunos que a história da sociedade humana é pura transformação, um processo complexo de mudanças, e faz trabalhar a idéia de passado e

presente entre os alunos, sendo esse talvez um dos maiores facilitadores dos conteúdos com relação aos alunos.

Trazendo essas aulas para ainda mais perto dos alunos foi confeccionado um periódico que trazia assuntos e tarefas realizadas pelos alunos da escola, em parceria com o Pibid-História, sendo assim, todos os trabalhos realizados, inclusive fotos das viagens e das atividades realizadas em sala de aula foram reunidas todas nesse “jornal”. Assim, foi produzido um documento, que era o jornal, para mostrar a pesquisa a outros documentos, o que pode-se dizer um documento que carregava vários documentos em suas páginas.

Ensinar História, diante de tantas mudanças teóricas e metodológicas pela qual passou esse campo do conhecimento, com a ampliação da noção de documento, desde os Annales, e a inserção de novos problemas, novos objetos e novas abordagens, novas perspectivas é, de fato, um desafio que se apresenta corriqueiramente no espaço escolar, exigindo novas posturas por parte do educador, no campo da metodologia e da prática, como afirma Fonseca (2005):

“As metodologias de ensino, na atualidade, exigem permanente atualização, constante investigação e contínua incorporação de diferentes fontes em sala de aula”(Fonseca, 2005, p. 164)

Trabalhar com documentos em sala de aula requer criatividade, busca pela interdisciplinaridade e curiosidade intelectual, elementos que não podem faltar, hoje, ao bom professor de História, ou melhor, ao educador. Em conjunto, eles formam a base para constituir o conhecimento em sala de aula, garantindo, por conta disso, o desenvolvimento do pensamento crítico do aluno e a dinamização das aulas, tornando-as mais atrativas para o aluno.

A utilização de linguagens diferenciadas relacionadas aos alunos de ensino básico pode levar o aluno a um processo de aprendizagem mais interativo, prazeroso, mais cheio de encantos, que tenha significado, que lhe dê condições de se posicionar criticamente frente a questões e problemas que a sociedade traz. Enfim, trabalhar os processos iconográficos da história em sala de aula é um caminho fascinante que pode se multiplicar em infinitas formas e possibilidades, sendo uma importante fonte de pesquisa para compreensão da história.

As práticas pedagógicas em relação aos métodos de aprendizagem produzem questionamentos como, por exemplo, a construção do conhecimento histórico dos alunos, e dessa discussão (Adam Schaff 1987) diz:

No conhecimento histórico, o sujeito e o objeto constituem uma totalidade orgânica, agindo um sobre o outro e vice-versa; a relação cognitiva nunca é passiva, contemplativa, mas ativa por causa do sujeito que conhece; o conhecimento e o comprometimento do historiador estão sempre socialmente condicionados (...). (Adam Schaff 1987, p. 105)

É de suma importância lembrar que nenhum documento é neutro. Assim como qualquer objeto elaborado historicamente pelo homem, o documento iconográfico não pode ser considerado como a história em si ou uma expressão absoluta da verdade ou de uma época ou sociedade, muito menos o retrato fiel da verdade absoluta. Tal qual o documento escrito, ele foi feito ou concebido por alguém, em determinado contexto, com determinada ideologia, com determinado pensamento, em determinado tempo e espaço. A noção de verdade única é questionada pelos historiadores, haja vista que um mesmo fato pode ser interpretado de várias maneiras a partir de pontos de vista diferenciados, pois “(...) o objeto criado é portador de conteúdo social e histórico e como objeto concreto é uma nova realidade social”. (PEIXOTO, 2003, p.39).

Assim, o entendimento de um texto histórico está condicionado à percepção das circunstâncias históricas que colaboraram para sua construção, por isso vem bem antes da leitura do documento um exercício de mobilização dos conhecimentos adquiridos, ativação da memória e criação de expectativas, uma vez que o professor pode, a partir do título do documento histórico, instigar os alunos sobre qual será a intenção que o autor queria passar, tendo em vista o tempo histórico que ele está inserido e o lugar de onde escreve.

Por tudo isso, o professor deve mostrar que o domínio da linguagem deve ir além da leitura mecânica, das informações superficiais, ou da mera localização de informações explícitas em um texto. Os alunos devem assumir a posição de investigadores históricos, haja vista que existem vários discursos num documento, assim, o aluno, faz parte do sentido no processo discursivo da leitura compreensiva, pois:

O documento (...) já não é “uma janela transparente para o passado”, como diz Nietzsche, a partir da qual a realidade se mostra nitidamente, mas uma materialidade, um discurso também ele, ou um “monumento”, na expressão de Foucault, acúmulo de interpretações superpostas (RAGO, 2000, p. 10)

Mas do que a compreensão dos documentos, os seus significados, as operações cognitivas realizadas pelos alunos para construir seu raciocínio histórico deve estabelecer uma relação entre presente e passado ao identificar, nos testemunhos do passado, elementos de continuidade e ruptura. Reconhecemos, que só o contato do estudante com o documento de época traz a experiência e o conhecimento histórico.

Considerações finais

A educação tem por objetivo formar cidadãos conscientes, e isso só será alcançável com o entendimento crítico da sociedade em que vivem e dos motivos que a produziram. Por isso a importância fundamental do estudo crítico da História, sem dúvida um dos elementos essenciais na formação do cidadão capaz de participar conscientemente das transformações da sociedade e do mundo em que vive.

O comprometimento com a educação é talvez a peça fundamental no eixo que envolve o conhecimento e a socialização. As técnicas, os métodos são os caminhos que fazem chegar ao lugar que educação tenta chegar, e esse é o compromisso de nós, docentes, ou futuros docentes.

O uso de imagens é uma das formas mais eficazes utilizadas como recurso pedagógico no ensino de História para incrementar o processo de aprendizagem. São diversos os meios que se apresentam para esta utilização: vídeodocumentários, cinema, pintura, fotografia, música, mapa, internet, história em quadrinhos, arquitetura, *softwares*, enfim, há uma infinidade deles

Os documentos escritos, visuais, audiovisuais, enfim, são grandes auxiliares nesse processo que tenta trazer ao máximo possível os benefícios que o mundo educacional pode proporcionar. Então, o objetivo principal sempre será a vontade de desenvolver o pensamento crítico do indivíduo, dinamizando as aulas, tornando-as mais atrativas para o aluno e preparando-o para os desafios fora do ambiente escolar.

Referências

SCHMIDT, M. A. & CAINELLI. **Ensinar história**. SP: Scipione, 2009.

_____. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, C. (Org.) **O saber histórico na sala de aula**. SP: Contexto, 2010.

RODRIGUES, E. **Reformando o ensino de História**: lições de continuidade. *História*: SP, 23, p. 49-68, 2004.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História**. Campinas: Papirus, 2005. p. 103, 164.

SCHAFF, Adam. **História e Verdade**. São Paulo; Martins Fontes, 1987.

RAGO, M; GIMENES, R. A. O. (Org.) **Narrar o passado, repensar a história**. Campinas: Unicamp, 2000.